



CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

*História de
Rondônia*
Ensino Médio

MÓDULO II

Composição Étnica de Rondônia

Quando os portugueses chegaram ao Vale do Guaporé, a partir de 1750 – 250 anos depois do “descobrimento” do Brasil – todo o território hoje ocupado pelo estado de Rondônia era habitado por indígenas.



Indígenas

Estes, em parte, foram escravizados e, em parte, massacrados por resistirem aos brancos.

A necessidade de sempre maiores contingentes de mão de obra para os trabalhos nas minas, na pequena produção agrícola e para a defesa da fronteira com os espanhóis **levou o governo português a importar escravos negros africanos do Rio de Janeiro, de Salvador e de Recife**.



Portugueses

A miscigenação (mistura) dessas três etnias foi inevitável, resultando em mamelucos e mestiços. Indígenas escravos, mamelucos, mestiços, negros e brancos pobres foram abandonados a própria sorte quando as minas de ouro do Guaporé se esgotaram.



No século XIX, o Primeiro Ciclo da Borracha arregimentou uma avalanche de imigrantes nordestinos, já frutos da mesma miscigenação (brancos, índios e negros). Já no século XX, no período da Segunda Guerra Mundial, novos imigrantes, primeiro do Pará e depois do Nordeste, chegaram para o Segundo Ciclo da Borracha em Rondônia.

Lembramos ainda que, para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907 – 1912), foram recrutadas mais de 20.000 pessoas no estrangeiro: negros das ilhas da América Central, espanhóis, portugueses, italianos, franceses, ingleses, dinamarqueses, além de brasileiros de outras regiões.

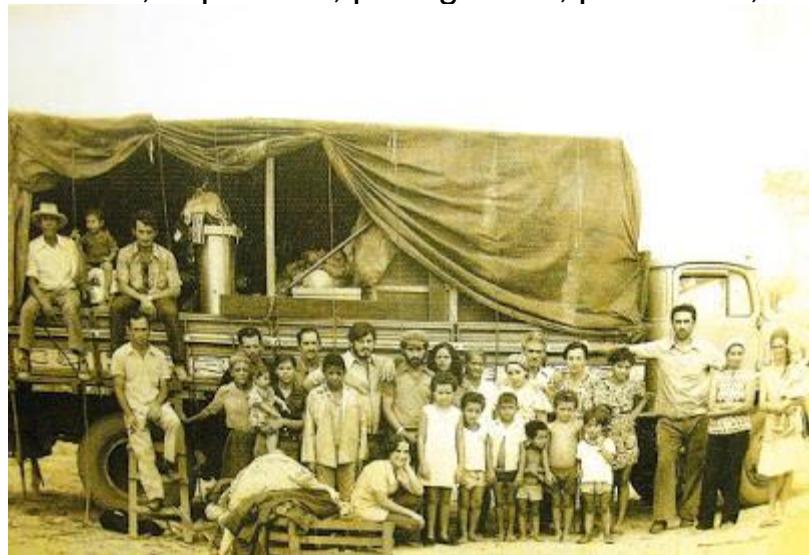
Os indígenas e os descendentes de toda essa gente são considerados os "Amazônicos", em oposição aos “sulistas”, os não amazônicos.



Os “sulistas” é a massa de migrantes de vários estados do Sudeste, do Centro-Oeste e do Sul, atraída pelo governo federal para a nova fronteira agrícola de Rondônia, a partir de 1970.



Para termos uma ideia, entre 1980 e 1986 (o período de maior imigração), chegaram a nosso estado mais de 730.000 pessoas. A maioria era pequenos agricultores, com suas famílias, do Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, mas, sobretudo do Paraná. Aqui temos de novo descendentes, miscigenados ou não, de italianos, alemães, espanhóis, portugueses, poloneses, etc.



Muitos se entrosaram bem com os Amazônicos, adaptando-se a nova situação de vida. Outros enfrentaram dificuldades e até há quem regressou ao estado que deixara.

Mas é essa multidão de origem tão diversa de quase 1.400.000 habitantes que, num complexo processo de mescla de hábitos, costumes, identidades peculiares, forma hoje nosso glorioso e vitorioso povo rondoniano.

Rondônia e sua pluralidade cultural

A ocupação ocorrida nos últimos quarenta anos produziu um quadro cultural diferente das migrações anteriores no solo rondoniense e rondoniano. **O norte de Rondônia e seu extremo oeste ficaram com uma população ligada aos padrões culturais regionais ribeirinhos tradicionais, construídos desde o período colonial.** *Lendas, mitos, contos e causos fantásticos e impressionantes ocupam o imaginário profundo e criativo das pessoas que insistiram no isolamento e ocupação da extraordinária e inóspita região.*

O resultado do acúmulo de várias gerações que ocuparam a imensa, escura e distante floresta se manifesta na vasta expressão cultural existente.



Essa área é formada pelos municípios dos vales do Guaporé, Mamoré e Madeira, possuem características amazônicas, desde sua culinária, música e festas tradicionais. Onde podemos perceber e diagnosticar uma relação profunda com a floresta, onde a mesma se apresenta como uma espécie de santuário, quintal místico que fornece alimentos, remédios, óleos, etc.



As populações possuem uma relação com a floresta, em que ela é fundamental em seu cotidiano, é a cultura do peixe e da macaxeira. A floresta tem mais valor para as culturas tradicionais amazônicas estando de pé, dela é extraída boa parte do que se consome, como: açaí, pupunha, bacaba, puruí, palmitos, andiroba, copaíba, tucumã, babaçu etc.

A floresta tem ingredientes míticos à cultura tradicional ribeirinha e indígena, associada aos seus mistérios e encantamentos, as pessoas vivem o ritmo dos seus rios, suas lendas e tradições.

Espiritualidade plural e infinita, rezas benzimentos, misticismos se relacionam com novas experiências religiosas como o candomblé, protestantismos, catolicismos, budismos, espiritismos e uma infinidade de outras seitas e religiões.

Experiências religiosas, mágicas nascidas no oco da floresta medonha surgem, o Santo Daime e a União do Vegetal, recebem a cada dia, mais seguidores que se encantam com um mundo que parece não estar neste tempo, neste cosmo, revelando novos modelos de espiritualidade que possibilitam um reencontro com os mistérios sobrenaturais das divindades santas e profanas da terra sem males, da Amazônia.



A colonização recente sulista, não atingiu essas “regiões tradicionais”, ela ocupou de forma muito decisiva a as cidades que surgiram entre Vilhena e Ariquemes, construindo ali **um modelo cultural ligado ao Sul do Brasil**.

O chimarrão e o churrasco ditam o passo nessas regiões, enquanto que nas zonas que defino como tradicionais amazônicas o ritmo é ditado pela caldeirada de tambaqui, tapioca, tucupi e pupunha.

Lentamente estes dois modelos vão se misturando gerando grandes percas para o modelo cultural amazônico na região, pois diferente da cultura sulista, a cultura tradicional amazônica não esta solidificada, ou sedimentada como a sulista.



O processo de colonização recente foi imposto foi abrupto, repentino, não sendo acompanhado por uma iniciativa de proteção dos valores tradicionais. Enquanto a cultura do chimarrão se espalha através dos CTGs – Centros de Tradições Gaúchas, o modelo cultural ligado à floresta vai desaparecendo.

As florestas foram derrubadas e queimadas para dar lugar ao desenvolvimento da pecuária e cultura da soja. As terras ficaram limpas e árvores que são de grande importância na cultura amazônica foram derrubadas, como: Castanheiras, Copaíbas, Andirobas, Pupunha e Tucumã desapareceram quase que completamente na região central e sul do Estado.

Os novos colonos vindos do Sul e Sudeste do Brasil, em sua maioria, não conheciam o potencial dessas árvores, não se identificavam com a flora e fauna amazônica. **Suas espécies tão importantes para nosso eco sistema desapareceram nas laminas de motosserras e tratores com correntes.**



Não pretendemos de forma alguma condenar o colono, queremos demonstrar com clareza o quanto foi falho o processo de colonização que não se preocupou em difundir os valores regionais para uma população vinda de uma região tão diferente. Não existiam órgãos fiscalizadores, orientadores, protetores, da rica e diversificada fauna regional amazônica.

As famílias oriundas em sua maioria do Sul do Brasil foram grandes vítimas do descaso governamental, foram arremessadas à floresta tropical sem a devida estrutura, muitos viram seus parentes morrerem de malária, os lotes doados pelo INCRA, muitas vezes se localizavam a dezenas de quilômetros do centro administrativo que ia surgindo.

Em Colorado do Oeste, convivi com essa realidade, pude acompanhar algumas famílias em sua caminhada até a terra prometida por cinqüenta, sessenta quilômetros arrastando o cacaio, espécie de mochila feita com uma calça velha, onde se punha o essencial, como : sal, querosene, munição, charque e farinha.

Suas vidas passavam por dramas sem fim, muitas vezes o encontro com o inesperado dramatizava mais ainda a viagem, onças espreitavam os viajantes. Histórias davam contas de vários ataques.



Presente também, a ameaça dos jagunços, lacaios de grileiros inescrupulosos, comuns no cone sul zona da mata e ao longo de toda a BR 364, até a vila Papagaio atual Ariquemes que ainda não havia sido asfaltada, eles eram sempre uma ameaça a ser considerada, muitos foram assassinados, pois lei para os mais pobres era como hoje, piada sem graça.

Os novos colonos viviam em meio aos sonhos, esperanças e temores, apegados a Deus arrancavam uma coragem que ninguém sabe explicar direito de onde veio, mais no final, **se alinharam ao trajeto histórico tendo como ancestrais as populações indígenas**. Mais tarde os bandeirantes do Vale do Guaporé, depois os seringueiros da Primeira fase da Borracha, ainda mais tarde, a Segunda Fase com o Soldado da Borracha, na Colonização Recente, construíram um capítulo novo em nossa história e ofereceram para a geração atual isso que chamamos de terras de Rondônia e que bem nos acolhe.

Os sulistas que chegaram impulsionados pelas grandes ondas migratórias, nos últimos quarenta anos, merecem de todos nós o respeito devotado aos grandes heróis.



Cada família possui um pouco do sangue, força, garra e caráter de Alexandre de Gusmão, Ricardo Franco, Rondon, Ajuricaba, Roquette Pinto, Tereza de Benguela, Capitão Silvio, Capitão Alípio entre outros. Pessoas que se entregaram ao mundo inimaginável existente na última fronteira a ser ocupada e conquistada na terra.

Vivemos o quinto período desenvolvimentista de Rondônia, agora, somos nós os novos bandeirantes. Cabe a todos nós, do hoje, de Vilhena à Extrema, de Cerejeiras à Guajará Mirim, de todas as beiras de rios, de todas as cores e crenças, os novos passos que determinará o futuro dessa terra. As terras que um dia foram definidas como: “Terras de Rondon, Terras do Guaporé”.

Referencias

https://www.youtube.com/watch?v=_A4Nsqas8Nc